

# Projeto MK 639

Por Henrique Ribeiro Lacerda\*

Nasci simples, no interior do país.

Apesar da vida ocupada, cheia de obrigações com a escola e com o trabalho, fui uma criança feliz, pois, no mesmo período, eu descobri, na escola, o prazer de cantar e interpretar. Neste mesmo tempo também conheci aquele que seria a minha grande e inesquecível paixão, e nós nos realizávamos sexualmente, apesar de sermos dois garotos de sete anos. Para ele, tudo não passava de uma brincadeira de moleque, mas para mim, consistia na realização do meu primeiro amor. Logo ele cresceu, passou o tempo da brincadeira e nos afastamos. O tempo também passou, tive algumas paixões, uma ligação platônica, logo após, uma relação duradoura e feliz que, somada a todas as outras, só me trazem boas lembranças.

A homossexualidade, comportamento que para mim sempre foi bem resolvido, nunca me pesou como problema ou empecilho para minha felicidade.

A minha realização profissional aconteceu cedo também: aos dezoito anos eu me iniciei naquela que seria a minha profissão, com a qual eu nunca havia sonhado. Os meus sonhos sempre estiveram voltados para a área artística e eu me realizei no mundo fashion.

Embora tenha conhecido a sexualidade bem cedo, sempre atribuí a esse comportamento o respeito que ele merece. Nunca gostei de homens que eu considerava promíscuos e nem sempre fui muito passivo ao sexo oral acompanhado de ejaculação, por considerar que poderia, de certa forma, ser nocivo à saúde.

Sempre fui uma pessoa saudável, nunca tive nenhuma doença mais grave do que uma gripe ou algumas reações alérgicas; nunca fumei e nem ingeri bebidas alcoólicas, por achar tais substâncias prejudiciais ao organismo. Sempre procurei alimentar-me bem e dormir, no mínimo, oito horas por dia, na minha opinião, condições fundamentais para uma boa qualidade de vida.

Quando ouvi os primeiros rumores sobre uma nova doença que matava pessoas, principalmente homossexuais masculinos, por volta de 1981, passei a me inteirar do assunto e acompanhei desde a morte do estilista brasileiro Marquito, que faleceu vítima da suposta peste gay, até as publicações mais atuais sobre os recentes estudos relacionados ao tratamento da Aids. Como usar preservativos já era um hábito que eu tinha por medida de higiene, eu era um dos milhões de homossexuais que achava que o risco ainda não estava tão próximo. Por descargo de consciência, em 1987, cumpri o dever de fazer meu primeiro teste de HIV, o qual, para minha tranquilidade, resultou em “não reagente” ou “negativo”.

Na virada de 1987 para 1988, conheci o Flávio, um garoto alguns anos mais jovem que eu, que me mostrou o verdadeiro amor. Ele me fez sorrir, chorar, mas também, me fez viver, e hoje posso dizer que sou “feliz” por tê-lo ao meu lado.

Devido à nossa diferença de idade, sempre me preocupei em dar a ele a liberdade que todo homem deve ter na sua juventude, ou seja, apesar de identificar o seu comportamento homossexual, eu não pude tolher a sua opção pelo comportamento heterossexual. Então, eu liberava-o para namorar garotas e viver a sua bissexualidade dentro de um limite que não interferisse na nossa relação, pois morávamos juntos e nosso relacionamento era o mais importante. Eu não o traía com outros homens e ele só era liberado para sair com mulheres. Desta forma, éramos felizes.

Após dois anos que nos conhecemos, sugeri-lhe que fizesse um teste de HIV afinal, ele tinha vários relacionamentos heterossexuais e o uso de preservativo nunca fora sua maior preferência. Para a nossa tranqüilidade, o resultado também foi negativo.

Meu namorado era jogador de futebol e recebeu um convite para jogar em uma outra equipe, em que ficou durante quarenta dias. Naquela cidade para onde ele foi, existia, ao lado do alojamento dos jogadores, uma casa de prostituição onde os atletas divertiam-se todas as noites, talvez por falta de opção e onde, por ironia do destino, ele conheceu a mulher que trouxe o HIV para as nossas vidas (digo isso com certeza porque quando Flávio voltou de viagem, estava infectado com uma blenorragia). Para ele, este foi seu primeiro contato com uma DST (doença sexualmente transmissível), mas eu logo o encaminhei para o tratamento e o problema foi resolvido. Só tive certeza em relação à causa dessa doença alguns dias depois, quando uma garota passou a ligar insistentemente para Flávio e descobri que o telefone era de um bordel. Por alguns meses, ele retornou àquela cidade para se encontrar com ela e, na sua volta, tive a grande surpresa.

Flávio tinha uma pequena lesão na base do pênis, do tipo daquelas assaduras que muitos jogadores de futebol têm nas virilhas. Certamente esta deve ter sido a porta de entrada para o vírus.

Logo na sua chegada, notei vários nódulos no seu pescoço, na região linfática. Faltou-me ar, faltou-me chão e não pude esconder o meu espanto: era como se eu estivesse vendo, ao vivo e em cores, a cara da morte entremeada no rosto lindo do meu grande amor. Respirei fundo, coloquei os pés no chão e disse: “vamos ao otorrino porque você deve estar com infecção no ouvido”.

Quando chegamos ao médico, que já era meu conhecido, sua primeira pergunta foi se ele tinha feito teste de HIV, a qual Flávio respondeu que sim, mas já fazia dois anos. O médico sugeriu, então, que ele fizesse um novo teste. Naquele dia, ao chegarmos em casa, realizamos um pacto: fizemos sexo oral e permiti que ele ejaculasse em minha boca, como forma de expressar todo o meu amor e de estarmos juntos para o que desse e viesse, independentemente de qualquer que fosse o resultado do teste, pois ao risco, tanto eu quanto ele, já havíamos nos exposto.

Foram dias sofríveis até a confirmação, mas o resultado foi o que já esperávamos - Flávio estava contaminado. Na semana seguinte, eu também fiz o teste e o resultado foi o mesmo: ambos éramos soropositivos.

Flávio nunca admitiu esta realidade, mas, eu logo procurei uma médica e comeci o meu acompanhamento. Como a contaminação era muito recente, não houve necessidade de medicamentos, mas o distúrbio psicológico pelo qual passei, era como se estivesse convivendo com a morte, como se ela estivesse à porta de minha casa, só aguardando a hora de entrar.

Naquela ocasião, convivíamos com a perda de grandes pessoas como Cazuza, Fred Mercury, Betinho naquele estágio terminal interminável e muitos amigos próximos que, ao detectar a doença, entregavam-se a ela e deixavam-se levar pelo fim de suas vidas. A vida era um túnel negro, onde nós, soropositivos, só podíamos aguardar pelo milagre de que a ciência descobrisse alguma forma de tratamento para dominar o vírus. Eu, na minha modesta insignificância, me perguntava: “será que uma transfusão de sangue total não poderia dar certo?” “seria tão simples!” Mas, a cada dia, ouvia-se falar ou lia-se na imprensa, que estávamos muito distantes de encontrar a cura ou qualquer terapia diferente do que já era conhecido, ou seja, a que usava o AZT. Estas três letrinhas, por incrível que pareça, doíam mais aos ouvidos do que a própria sigla Aids porque, para mim, era sinônimo de um processo químico muito forte, que causava transformações horríveis no paciente e mesmo assim, não resolvia o problema; seria como uma quimioterapia ineficaz. Mas, como não tinha, ainda, a necessidade de tratar-me, o inevitável era menos pior, pelo menos o meu organismo ainda reagia naturalmente ao vírus.

Passados dois ou três anos, comecei a sentir que a minha deficiência imunológica começava a se manifestar em detalhes corriqueiros como resfriados constantes, minha rinite que me atacava com mais frequência, e eu comecei a perder peso lenta e gradativamente.

O pavor ainda não havia tomado conta de mim porque eu tinha um acompanhamento homeopático de um médico que sempre me garantia: “você não vai ter Aids”. Como eu o achava um pouco bruxo, isso me dava uma certa esperança, porque a sua forma de examinar era através da aura dos pacientes e ele dizia que a minha era boa.

Mas, enquanto esta segurança existia por um lado, por outro, eu, friamente, achava que o meu processo de infecção estava evoluindo. Flávio estava sempre bem e apoiava-me muito, embora nossa relação já houvesse se modificado. Nesta época, nós já havíamos nos separado, ele morou dois anos com aquela garota com quem ele se envolveu e de quem, suponho, tenha vindo nossa contaminação, e já estava com a sua segunda namorada, que hoje é sua esposa.

Perder a companhia de Flávio não doeu tanto, porque eu concordava com a máxima: “salve-se quem puder” - apenas deixava claro para que ele tomasse cuidado, que fizesse sexo seguro, porque embora assintomático, ele era portador do HIV.

A minha vida sexual passou por uma fase conturbada porque, sexo para mim, é de importância fundamental e, mesmo transando com camisinha, a preocupação com a não contaminação de outras pessoas não deixava de existir. Era um misto de “quero ser feliz enquanto posso”, com o sentimento de culpa associado à possibilidade de, em breve, estar perdendo todos os prazeres da vida, inclusive o de viver. Os meus projetos de vida foram-se diluindo e a minha vida profissional se desequilibrava, pois meu ego desabava dia-a-dia.

Atualmente, posso dizer que tenho duas datas de nascimento: a primeira, que trouxe ao mundo uma criança cheia de sonhos, sempre feliz; e a segunda, que marca o nascimento de um ser que, em sua trajetória de batalha, regada à insegurança e ansiedade, iria enfrentar o inimigo que já se colocava em campo, pronto para atacar.

Numa abençoada noite de 1994, o Jornal Nacional noticiava que uma nova terapia fora descoberta, e que uma equipe do Hospital Emílio Ribas estava recrutando voluntários para participarem da fase de teste. Passei por uma das noites mais longas da minha vida, até que eu pudesse ligar, na manhã seguinte, e informar-me a respeito daquela nova chama de esperança.

Pelo telefone fui informado que deveria comparecer pessoalmente, assistir a uma palestra de esclarecimento sobre o projeto e optar por fazer os testes para verificar se estava compatível com as regras para participar do protocolo de estudo do MK 639.

O protocolo, patrocinado pelo laboratório Merck, tinha como coordenador o Dr. Jamal Suleiman, e consistia em um estudo multicêntrico, duplo cego, randomizado em pacientes soropositivos do tipo I do HIV, para comparar a eficácia e a segurança do MK 639 que poderia estar sendo administrado ou em conjunto com o AZT, ou isoladamente, ou também, com AZT somente.

Quando tudo nos foi exposto pelo Dr. Ricardo, membro da equipe, restou-nos a resolução de participar ou não dos testes iniciais. Sem titubear, optei pelo sim - considerando, inclusive, a possibilidade de não me enquadrar nas exigências ou de, até mesmo, desistir, caso houvesse intolerância aos medicamentos. As regras eram as seguintes: o paciente deveria ser maior de dezoito anos; nunca ter tomado AZT; não estar sendo acometido por nenhuma doença oportunista; não ter história médica anterior de doença de chagas, toxoplasmose do sistema nervoso central, meningite por criptococos, criptosporidiose ou micobacteriose atípica. A contagem de células CD4, que são as células infectadas pelo HIV, deveria estar entre 50 e 250 unidades por ml.

Com tantas exigências, naquele momento, senti-me entre a cruz e a espada: ou não seria aceito por estar em boas condições de saúde, ou seria aceito e aproveitaria aquela oportunidade de estar iniciando o combate contra o inimigo.

Os dias se passaram e fui aceito como voluntário no estudo. Minha contagem de CD4 estava em 129, o que é considerado próprio de pacientes terminais, mas no dia em que comecei a tomar medicamentos, esta contagem havia caído para 96, o que me assustava muito, pois dava-me a impressão de estar à beira do abismo final. No entanto, um fator muito

positivo era o de que a minha contagem de carga viral, no início do estudo, era de pouco mais de 500 unidades por ml.

A dose diária de medicamentos era de 800 ml, tomada a cada oito horas, rigorosamente no horário e em jejum. Quando foi aberto o meu protocolo, constatou-se que o meu estudo era composto por monoterapia com o inibidor de protease, até então, denominado de MK 639 e, posteriormente, de Indinavir.

Até o final do estudo, que durou aproximadamente 156 semanas, a minha maior preocupação sempre foi com a contagem das minhas células de CD4. Por serem as células de defesa do organismo, eu achava que a minha meta deveria ser atingir, pelo menos, a metade da média de uma pessoa com capacidade imunológica normal, que é de 1000 células por ml.

Nos dois primeiros anos do tratamento, o meu estado de humor variava bastante, devido à variação deste resultado que oscilava entre 180 e 250 células. Dr. Jamal tranquilizava-me sempre, apesar dos meus ataques de insegurança, e dizia-me que o mais importante não era o nível das células, e sim, a qualidade de vida que eu apresentava. Neste aspecto, eu não podia reclamar porque, realmente, não houve nenhuma intercorrência mais séria durante o meu período de estudo.

O Dr. Alexandre, que me atendia nas consultas mensais, além de me fazer muito bem pela sua dedicação, delicadeza e competência, fez-me lembrar, logo no início do tratamento, que os cuidados pessoais com relação à minha saúde deveriam ser todos aqueles que a gente aprendeu com as vovós, como, por exemplo, não tocar o chão frio com os pés ainda quentes, evitar correntes de ar frio ao sair de um banho quente.

A Dra. Glória, que me acompanhou até o final do estudo, utilizava sempre, todo o tempo da consulta, para elevar minha auto-estima, compactuando comigo, constantemente, nas minhas considerações positivas quanto ao tratamento. Para mim, ela portava-se como se eu fosse o seu paciente favorito, pois nunca lhe dava trabalho. Mantive por ela um grande carinho, igual àquele que a gente tem pela primeira professora aquela que a gente nunca esquece. A sua grande felicidade era o meu exame de carga viral; após duas semanas de admissão ao estudo, este exame foi repetido e passou a atingir nível de contagem viral indetectável e a cada vez que ele se repetiu, até a última análise feita em maio de 2001, o resultado sempre foi de carga viral negativa, o que mostra que apenas o meu único e potente soldado tem sido suficiente para dominar o inimigo.

Apesar de favorável para mim, a monoterapia, ao final do estudo, passou a ser contestada pela equipe médica, pois, poderia vir a desenvolver a resistência do vírus ao medicamento, motivo pelo qual o Ministério da Saúde só autoriza a terapia triplíce, também conhecida como Coquetel.

Como paciente equilibrado e, clinicamente estável, ficou sob minha responsabilidade optar ou não pelo uso da terapia triplíce. Por algumas vezes, até cheguei a pegar os medicamentos, cuja distribuição gratuita foi mantida pelo Hospital Emílio Ribas em São Paulo, mas, devido ao meu estado clínico e à qualidade de vida que desfruto, nunca fui capaz de ingerir qualquer outro medicamento além do Indinavir.

A minha posição sempre foi a de que, se com apenas um soldado, estou vencendo a batalha, porque é que vou colocar um batalhão em campo, se posso manter essa reserva para uma grande guerra (se é que essa guerra um dia acontecerá)?

Hoje, a minha contagem de CD 4 é de 780, o que já ultrapassou minha meta e estou próximo da contagem normal, e, o mais importante para mim é que, psicologicamente, me sinto absolutamente seguro e equilibrado para expor toda a minha história, e compartilhar com outros pacientes soropositivos minha felicidade de voltar a me sentir uma pessoa normal.

Levo uma vida sexual normal, com todos os cuidados que qualquer indivíduo deve tomar, relaciono-me super bem com meu grande amor, o que me mantém com esperanças de um futuro feliz para nós dois, pois, ele também está absolutamente bem. Ele nunca precisou de tratamento e tem perfeita qualidade de vida. Deve pertencer àquele grupo que não desenvolverá a doença, e isso me deixa tranquilo.

Mas é claro que esta história poderia ser diferente e ter como integrantes um número maior de personagens. Faltou a participação de amigos, familiares e, inclusive, da minha realização pessoal, por estar escrevendo este depoimento. Isto se explica devido à minha condição fundamental para continuar a ter uma vida plenamente normal, desde que descobri

que sou portador do HIV: *o sigilo*. O nome do meu namorado é fictício, porém, os da equipe médica, são reais.

O que se passou nesta última década talvez represente a fase mais importante de minha vida. Os amigos que ganhei, aqueles que mantive e o amor dos meus familiares, mesmo sem saberem a causa da minha rabugice que, por várias vezes, me tornou uma pessoa desagradável, são para mim uma grande força para me manter firme na luta.

Algumas vezes, sinto uma pequena indisposição ao ingerir o medicamento; às vezes, sou acometido por uma crise de cálculos renais, que é um dos seus efeitos colaterais, mas estes detalhes são insignificantes perto do que me proporcionam os resultados dos meus exames clínicos e laboratoriais.

O mais importante, e responsável pelo meu equilíbrio atual, é poder viver bem e tampouco me lembrar da existência das palavras Morte, Aids e HIV. Elas não fazem mais parte do meu vocabulário; não tenho ninguém que possa incomodar-me, mesmo que sob boas intenções a cada instante: “como vai sua saúde?”. Ou, às vezes, até mesmo ter que dar satisfação àqueles que, apesar de, involuntariamente, manifestam-se de forma deselegante: “você emagreceu, está tudo bem com você?”. Pessoas, amigos e familiares, enfim, todos se dão o direito de cuidar, da forma mais intrometida, da vida de qualquer um que possa despertar-lhes a curiosidade ou, até mesmo, saciar a sua carência de ter o que comentar da vida alheia.

Quero, portanto, terminar este depoimento dizendo a todos os que dele vierem a tomar conhecimento, que hoje sou apenas um cidadão normal que pode estar nas ruas, nas telas da TV, na música, nos palcos ou em nenhum lugar. Com qualquer nome, o mais importante é que eu estarei sentindo-me visto como qualquer outro pobre mortal que amanhã pode bater o carro e ir para a Glória, já que, enquanto estou vivendo, não estou tendo que enfrentar a discriminação e o preconceito aos que sofrem das fatídicas e incuráveis moléstias.

Estou bem, estou feliz. Graças a Deus.

---

\* **Henrique Ribeiro Lacerda** mora no Paraná e é estilista.  
Email: [hrlacerda@bol.com.br](mailto:hrlacerda@bol.com.br)